



AS BRINCADEIRAS DE FAZ DECONTA TRABALHAM A CONCENTRAÇÃO, A FLEXIBILIDADE E O CONTROLE INIBITÓRIO

HABILIDADES PARA A VIDA

Marina Kuzuyabu

Ao realizar atividades que demandam das crianças a capacidade de seguir regras, inibir os impulsos e prestar atenção a uma narrativa, os professores estão desenvolvendo as funções executivas. Entenda sua importância e como estimulá-las

Quando uma criança resiste à tentação de tomar o brinquedo do colega, espera a sua vez para descer no escorregador e aceita que não comerá a sobremesa antes da refeição principal, ela está demonstrando um bom desenvolvimento das funções executivas (FE), um conjunto muito importante de habilidades que impacta todos os aspectos da vida, desde o desempenho escolar até a saúde. O mesmo pode ser dito quando elas conseguem imaginar as histórias que lhes são contadas e quando seguem as regras de uma brincadeira ou jogo. Na idade adulta, são as FE que nos permitem fazer planejamentos, nos adaptar a situações novas, conectar diferentes informações, pensar antes de agir, calcular as consequências dos nossos atos. A lista de capacidades relacionadas às FE é realmente longa (*mais na pág. 35*).

E justamente por sua importância, elas poderiam receber mais atenção, aponta Lino de Macedo, membro do Núcleo Ciência pela Infância (NCPi), coordenado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. “Os avanços da neurociência nos trouxeram mais conhecimento sobre o cérebro. Hoje sabemos que as crianças que têm mais oportunidades de desenvolvimento social e cognitivo têm mais qualidade de vida. Então, por que não lhes oferecer essas oportunidades?”, questiona o especialista, que foi professor-titular do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP.

Seu questionamento se deve ao fato de que as FE têm um período sensível de desenvolvimento na primeira infância, ou seja, na fase que vai do 0 aos 6 anos, o que enfatiza mais uma vez a importância dos professores de educação infantil. Como aponta o estudo *Funções executivas e desenvolvimento na primeira infância: habilidades necessárias para a autonomia*, realizado pelo comitê científico do NCPi, quando os docentes de creche organizam a rotina do sono e da alimentação, conversam com os bebês e os estimulam

sensorialmente, eles já estão desenvolvendo as FE. Como resposta a esses e outros estímulos, os bebês, a partir dos seis meses, têm condições de desenvolver o controle inibitório (quando aprendem a não tocar em algo) e, a partir dos nove meses, a habilidade para executar planos simples (ao ver um brinquedo sendo escondido sob um pano, eles se deslocam até ele a fim de retirar o pano e apanhar o objeto).

A importância da observação

De acordo com o neurocientista Fernando Louzada, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a emergência do tema das FE na educação não implica necessariamente mudanças radicais na prática pedagógica. “Mas esse referencial teórico ajuda os educadores a sistematizar melhor as atividades e a prever intervenções e eventuais mudanças no planejamento pedagógico”, detalha.

Ou seja, com mais conhecimentos sobre o que esperar de seus alunos em termos de amadurecimento das FE, os professores podem perceber mais facilmente os problemas e, principalmente, se conscientizar de necessidade de intervenção.

Ainda que não haja um descritivo simples das capacidades que as crianças devem adquirir em cada estágio – o desenvolvimento varia de uma criança para outra, assim como a aquisição da linguagem e da marcha –, os docentes podem observar a média do grupo. Em uma brincadeira de estátua, que exige o controle inibitório, pode chamar a atenção o fato de apenas duas delas não conseguirem participar. O mesmo ocorre quando, em uma conversa de roda, apenas um ou outro têm dificuldade para esperar sua vez de falar. “Se, de maneira geral, todos os demais têm o comportamento esperado, os professores precisam ficar atentos. Não dá para deixar passar”, frisa.

Nessa perspectiva, os educadores devem realizar mais vezes as atividades que demandam as ha-

bilidades desejadas. Quanto mais vezes as crianças forem expostas a essas atividades, mais oportunidades terão de desenvolvê-las.

Além da já mencionada brincadeira de estátua, os educadores têm também a opção de trabalhar com brincadeiras de faz de conta, pois elas induzem as crianças a se concentrar em seu próprio papel e no papel de outras crianças e propicia situações para elas se ajustarem de forma flexível às mudanças e reviravoltas da trama desenvolvida. Situações como essas incidem sobre as três dimensões das FE – memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva –, descreve a estudiosa do tema Adele Diamond, da Universidade de British Columbia, no Canadá.

Contudo, a requerida mudança de atitude da parte do professor, que passa a adotar uma postura mais vigilante em relação ao desenvolvimento dessas habilidades (assim como o faz quando ensina cores, letras, números etc.), esbarra na raiz de muitos problemas educacionais: a formação docente. “O

que mais me preocupa é o que os professores não saem dos cursos de Pedagogia com essas informações”, critica o neurocientista da UFPR. E sem esses referenciais, eles podem desperdiçar o rico período de desenvolvimento que vai do 0 aos 6 anos.

Fatores negativos

Além da falta de estímulos adequados, as situações de negligência, abandono e violência também impactam negativamente a evolução das FE, assim como condições intrauterinas adversas, como o consumo de drogas e álcool, que afetam a evolução do córtex pré-frontal, parte do cérebro fundamental para o processamento das FE.

Também há indícios de que a exposição excessiva a videogames pode causar danos. Ressaltando a inexistência de consensos em torno do tema, o pesquisador da UFPR conta que há estudos relacionando o uso de videogames a problemas de atenção e à impulsividade. O mundo digital é outro fator de



risco, especula Louzada, uma vez que “estamos perdendo a capacidade de introspecção”. Os adultos estão o tempo todo conectados e, não raro, usam smartphones e tablets para distrair as crianças quando elas demonstram tédio ou irritação.

Entrando no terreno familiar, Lino de Macedo acrescenta que as crianças que crescem em ambientes muito permissivos ou excessivamente controlados também enfrentam dificuldades. Na primeira situação, elas não seguem rotinas, não lidam com regras, não toleram a espera, enfim, não são exercitadas a se autocontrolar e a se adaptar. No outro extremo, o controle externo é tão excessivo que elas não desenvolvem a autonomia.

Outra característica da sociedade contemporânea que também não favorece as FE é o recorrente problema da falta de tempo. “Os adultos estão sempre com o horário apertado, sempre com pressa”, exemplifica. Nesse contexto, as crianças também podem ficar inquietas, desconcentradas, impacientes. Em situações mais críticas, elas podem até ser diagnosticadas incorretamente como portadoras do transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, o TDAH, alerta.

Independentemente da extensão do déficit, não se deve subestimar a plasticidade cerebral, que a capacidade de transformação do cérebro a partir de outras experiências. Ou seja, ainda que a criança tenha perdido oportunidades importantes de amadurecimento das FE, os educadores podem – e devem – agir para estimulá-las.

Em constante evolução

Também é importante considerar que o desenvolvimento é gradual e atinge seu ápice na adolescência, esclarece Anita Abed, psicopedagoga da Mind Lab e consultora da Unesco. “A criança tem um longo período para conquistar essas habilidades. Não dá para esperar de uma criança de 5 anos um excessivo autocontrole, o que também não quer dizer que devemos deixá-las fazer o que bem entendem”, afirma.

Em sua opinião, se hoje se discute a importância das FE, isso se deve ao avanço da neurociência e, mais uma vez, ao mundo contemporâneo, especificamente aquele das grandes metrópoles ocidentais, onde há uma “crise de autoridade”. “Ao confundir

O QUE SÃO FUNÇÕES EXECUTIVAS?

Funções executivas constituem um conjunto de habilidades que são fundamentais para o controle consciente e deliberado sobre ações, pensamentos e emoções. Elas possibilitam ao indivíduo gerenciar diferentes aspectos da vida com autonomia, isto é, tomar decisões com independência e responsabilidade. É possível considerar três dimensões das funções executivas que, apesar de distintas, são interligadas. São elas a memória de trabalho, o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva:

- **Memória de trabalho:** permite armazenar, relacionar e pensar informações no curto prazo. Sem essa capacidade, por exemplo, o indivíduo não se lembraria do que estava fazendo após ser interrompido.
- **Controle inibitório:** possibilita controlar e filtrar pensamentos, ter o domínio sobre atenção e comportamento. Conseguir ler um texto, mesmo na presença de barulhos incômodos, é um exemplo de uso dessa habilidade.
- **Flexibilidade cognitiva:** permite mudar de perspectiva no momento de pensar e agir, e considerar diferentes ângulos na tomada de decisão. Por exemplo, essa capacidade é fundamental para o indivíduo perceber um erro e poder corrigir.

Fonte: Funções executivas e desenvolvimento na primeira infância: habilidades necessárias para a autonomia / Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância.

autoridade com autoritarismo, muitos adultos estão optando por deixar as crianças serem livres”, relata.

Quanto às escolas, ela ressalta o importante papel exercido pelos educadores, que podem estruturar situações para as crianças se desenvolverem plenamente, lembrando que é na primeira infância que se estruturam as bases do cérebro.

E, para fazer isso, as escolas de educação infantil precisam se dedicar à sua função e investir no brincar, em vez de ceder às pressões para que aumentem a carga de conteúdos acadêmicos”, destaca a pesquisadora canadense Adele Diamond.